

Ainda a Mídia

J. Roberto Whitaker Penteado

Um amigo leu os comentários que fiz aqui - sobre a questão da prevalência, no jornalismo atual, do entertainment sobre os conteúdos; e de que essa é uma situação em que, a médio e longo prazo, ninguém vai ganhar, nem mesmo os donos da mídia - e mandou-me dois textos muito interessantes.

O interesse começa pela antiguidade do material, tratando de assunto tão moderno. Um é de Olavo Bilac, *Chronica* - publicado em janeiro de 1904, no primeiro número da revista *Kósmos*. Muitos não sabem, mas, além de grande poeta, Bilac foi um de nossos primeiros redatores publicitários, chegando a ser sócio de uma agência de propaganda com escritório na avenida Rio Branco, por volta de 1918.

Na sua *Chronica*, Bilac fala da evolução da mídia, desde os tempos de Guttemberg para a "imensa e dilatada imprensa de informação, que avassala a terra (...) firmando de ano a ano o seu domínio" sobre as atividades humanas e ameaçando "de morte a indústria do livro". E, referindo-se a "uma engenhosa combinação de fonógrafo e cinematógrafo - o cronófono" recentemente (em 1903) inventada por dois físicos franceses, faz previsões surpreendentes acerca do aparelho que poderá "revolucionar a indústria da imprensa periódica".

Não poderíamos esperar de Bilac - há exatos 100 anos - que tivesse tido a presciência de conceber a TV e internet atuais - mas certamente chegou perto, quando previu que um dia teríamos: "instantâneas visões auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catástrofes, das festas, de todas as cenas alegres ou tristes, sérias ou fúteis, desta interminável e complicada comédia que vivemos..."

Antevendo a progressão científica dos meios, ele não chega a adivinhar que essa mediação da realidade pudesse ser manipulada. Esse aspecto é abordado no segundo texto, que recebi.

Não se trata, propriamente, de um artigo. É um texto longo, do filósofo alemão Arthur Schopenhauer e tem o título *Sobre Livros e Leitura*. Foi escrito em 1851 e editado no Brasil em 1993. É coisa original e instigante. Vamos a ele.

"Quando lemos, outra pessoa pensa por nós: só repetimos o seu processo mental. (...) o trabalho de pensar nos é, em grande parte, negado quando lemos. Durante a leitura, nossa cabeça é apenas o campo de batalha de pensamentos alheios. Quando estes, finalmente, se retiram, que resta? Daí se segue que aquele que lê muito e quase o dia inteiro, e que nos intervalos se entretém com passatempos triviais, perde, paulatinamente, a capacidade de pensar por conta própria, como quem sempre anda a cavalo acaba esquecendo como se anda a pé. (...) muitos eruditos leram até ficar estúpidos."

Daí se vê que, meio século antes de um poeta visualizar uma hipotética morte do livro - que não morreu, mas mudou muito; um filósofo já criticava a mediação da experiência provocada pela simples exposição a idéias alheias através da leitura. De novo, mesmo, temos o aumento geométrico dos estímulos, que Bilac chegou a descrever, de forma inversa como: "a pressa, a ansiedade, a exigência furiosa de informações completas, instantâneas e multiplicadas". Como vemos, trata-se de debate antigo - sem solução à vista.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Ainda a Mídia*. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, ago. 2004. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=300&ID=223>>. Acesso em: 15 set. 2009.